Reescalonamento do Espaço Capitalista: a Globalização do Campo no Brasil

Josué Kuhn Völz e Tiaraju Salini Duarte

Resumo:

A partir de múltiplas teorizações sobre a produção do espaço, será avaliada a dinâmica e o impacto da globalização no campo brasileiro. São debatidos os ciclos de acumulação e crise do capitalismo, argumentando que a própria noção de 'global' advém do processo social da elaboração de uma escala. É exposto o projeto de hegemonização das ações e dos objetos que povoam o campo, contrapondo-o às potencialidades locais de se relacionar diversificadamente com o meio.

Palavras-chave: Espaço; Escala; Globalização; Técnica; Campo Brasileiro.

Abstract:

Based on various theories about the production of space, this study assesses the dynamics and impact of globalization on the Brazilian countryside. It discusses capitalism's cycles of accumulation and crisis, arguing that the notion of 'global' stems from the social process of scale construction. It also presents the project of hegemonizing actions and objects in rural areas, contrasting it with local potentialities for diverse interactions with the environment.

Keywords: Space; Scale; Globalization; Technique; Brazilian countryside.

Introdução

Apesar da consolidação da ideia de 'globalização' como movimento natural da economia e da política internacional nos últimos 50 anos, também é de longa data a contestação de sua neutralidade, principalmente quando ponderada a distribuição das benesses de tal processo. O presente artigo compõe o esforço de tratar do assunto, retomando algumas referências do pensamento geográfico acerca da expressão espacial do capitalismo e aplicando suas reflexões às transformações testemunhadas pelo campo brasileiro.

Nesse sentido, são explanados aspectos da produção do espaço, elencando características recorrentes no movimento de expansão e contração a partir das lentes dos ciclos de acumulação e da consolidação de escalas. Em diálogo, é realçada a importância da técnica como realizadora do espaço humano. Aqui, se assomam alguns questionamentos básicos como: é possível pensar em escala global fora do capitalismo? Ou, há um capitalismo que não seja global?

O que será discutido é como a própria criação do 'global' encontra lastro no projeto capitalista, visto que o processo social da elaboração de uma escala diz respeito ao lapso temporal em que disputas por poder são apaziguadas e institucionalizadas. Argumentamos que 'escala', então, se mostra como uma técnica aplicada pelas forças de hegemonização – retroalimentadas pelo impulso de globalização. Avaliando isso, há o esforço de se debruçar sobre o projeto que vem ecoando na natureza das ações e dos objetos que povoam localidades agrárias do Brasil. Como contraponto, o texto culmina no

enaltecimento dos locais, em sua diversidade, pela viabilidade de reelaborar a percepção das culturas para com seu meio, oxigenando as escalas possíveis a se construir.

O Espaço no capitalismo

Um pensador substancial no aprimoramento da ciência geográfica foi Milton Santos. Retomando a *démarche* que constitui o pensamento sobre o espaço geográfico, o autor[349] abarca distintos momentos de sua própria carreira intelectual. De início, entre as décadas de 1970 e 1980, ele definiu 'espaço' como um conjunto de fixos e fluxos, os primeiros dando suporte às ações dos segundos. Em uma dinâmica mútua de modificação de significações e valores, os atos se instalam nos fixos e passam a redefinir o lugar.

Em um segundo momento, o autor trabalha com a possibilidade de associar as relações sociais e as configurações territoriais para apreender o objeto da geografia. Para tal, é abordada a dialética da intervenção humana com os sistemas naturais; de sorte que o espaço reúne a interação da materialidade com a vida que a anima.

Em diálogo com o exposto, David Harvey aponta a especificidade da dinâmica espacial sob a égide do sistema capitalista. Nesse sentido, é primordial a coletânea de textos, publicados entre 1975 e 2001 e reunidos em *A produção capitalista do espaço*[350], no qual é traçado o pensamento dialético materialista, base para entender a dinâmica de constituição e expansão do capitalismo, ou melhor, sua espacialização.

Harvey reconhece a contribuição marxiana ao apontar a estrutura geográfica da acumulação de capital; no entanto, argumenta que pouco se avançou em relação à importância da dimensão espacial para o modo de produção vigente. O autor destaca a dinâmica de constante expansão que caracteriza o capital. Ou seja, há um aspecto de reorganização geográfica vital para o processo de capitalização, evidenciado pela propagação para outras regiões e pela criação do mercado mundial por meio do comércio exterior e da exportação de capital. Todavia, trata-se de um processo repleto de contradições internas, que frequentemente irrompe em crises relacionadas à tendência de superacumulação.

Como resposta às fases de contração que tendem a ocorrer ciclicamente, é contínua a necessidade de estabelecer novas racionalizações do sistema econômico que reinaugurem as oportunidades de acumulação – a despeito de seus devastadores custos sociais. Essas condições se expressam em "matéria de intensificação da atividade social, dos mercados e das pessoas numa específica estrutura espacial"[351].

Essa fase do ciclo seria um importante motor para a produção do espaço capitalista: da mesma forma que os momentos de bonança consolidam o capitalismo em novas regiões, as fases críticas servem para instalá-lo em outros espaços. Portanto, nos momentos pós-crise, ocorrem reestruturações geográficas. Tal ajuste espacial, por sua vez, globaliza as crises cíclicas do capitalismo e passa a envolver questões geopolíticas nas suas soluções – muito embora, no geral, a própria exportação de excedentes de capital evite sua superacumulação e garanta melhores taxas de valorização.

Porém, "[a] paisagem criada pelo capitalismo também é vista como lugar da contradição e da tensão, e não como expressão do equilíbrio harmonioso"[352] O paradoxo reside na necessidade de

[349] Santos, 2020.
[350] Harvey, 2005.
[351] Harvey, 2005, p. 46.
[352] Harvey, *op. cit.*, p. 53.

imobilizar força de trabalho e capital na manutenção das infraestruturas para que, precisamente, o restante dos recursos flua livremente. Todavia, a coerência regional estruturada "tende a ser solapada por poderosas forças de acumulação e superacumulação, de mudança tecnológica e luta de classes"[353], que, por sua vez, somente ocorrem graças à infraestrutura que as dá suporte.

Logo, a viabilidade da infraestrutura se vê ameaçada por sua própria eficiência. Como consequência, há uma instabilidade crônica entre a paisagem social e física constituída para atender às demandas capitalistas em certo momento, que posteriormente deve ser desmanchada, vítima de suas próprias contradições, impondo ao espaço geográfico uma contínua transformação dialética. O que, por sua vez, atende à necessidade de movimento do capital, já que "[s]e a esfera de circulação não se expande, a acumulação para"[354]. Se a expansão cessa, o sistema capitalista colapsa.

Enquanto estas abordagens sofreram forte influência da corrente de cunho marxista, Paul Claval aponta que a partir da década de 1970 há uma confluência advinda de outros preceitos, que aceleraram radicalmente as transformações no estudo da Geografia[355]. Neste caldeirão, a proposta defendida por Milton Santos ao longo do livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* postula que o espaço é "formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações"[356]. O que podemos testemunhar em sua *magnum opus* é a articulação entre tais temáticas e uma base historiográfica e filosófica, mediante teorizar a dinâmica espacial, em geral, e no capitalismo contemporâneo, em específico.

O autor traz o espaço geográfico como híbrido entre as condições social e física. Isso porque, ao considerar que o ponto de partida sempre será a sociedade humana produzindo a si própria, "[e]ssa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições"[357]. Considerando isso, devemos abarcar a noção do tempo evocando a 'técnica', já que nela encontramos o traço de união entre tempo e espaço. A dizer, pela técnica consegue-se empiricizar o tempo: ao notar os sistemas técnicos expressos historicamente e ao qualificar epistemologicamente a materialidade do trabalho das sociedades humanas: "Através do processo da produção, o 'espaço' torna o 'tempo' concreto"[358]

Isso significa que o estado das técnicas caracteriza a sociedade e o espaço geográfico. Portanto, o conhecimento de sua evolução sucessiva é essencial para compreender as "diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios"[359]. As técnicas fazem parte de um todo, integradas funcionalmente ao seu sistema. Assim, seus elementos materiais e sociais se autorregulam, buscando coerência e complementaridade estrutural. Em outras palavras, tais sistemas técnicos envolvem tanto a produção de energia, bens e serviços quanto as relações entre as pessoas, suas interlocuções, seus discursos e a forma como se informam.

Ou seja, os sistemas técnicos são constituídos pelo conjunto dos sistemas de objetos e sistemas de ações, e a sucessão destes historiza o espaço geográfico. O momento histórico é definido pela natureza dos objetos e das ações de seu tempo. Porquanto, a paisagem exprime a herança das sucessivas relações entre sociedade e natureza por meio das formas, e nela presenciamos expressões de determinada configuração técnica – de modo que a paisagem é um sistema material, mas a intrusão

[353] Harvey, *op. cit.*, p. 148.
[354] *Ibidem*, p. 71.
[355] Claval, 2010.
[356] Santos, 2020, p. 63.
[357] *Ibidem*, p. 54.
[358] Santos, 2020, p. 56.
[359] *Ibidem,* p. 171.

das formas-objetos na sociedade é o que compõe o espaço. E visto que as funções de objetos cumpridas coletivamente estão sempre passíveis à mudança, o espaço deve abarcar o ânimo da vida presente.

Historicamente, os instrumentos possuíam uma aplicabilidade múltipla – o que lhes conferia certa liberdade e fantasia – enquanto eram utilizados por meio de uma técnica subjacente ao grupo social, com o objetivo de atender aos seus propósitos. Em concordância, "[n]o passado, o material determinava como o objeto seria fabricado" [360], os grupos humanos eram servidos apenas pelas técnicas do corpo, e suas limitações de mobilidade os tornavam dependentes dos recursos naturais do entorno imediato. Milton Santos foi emblemático ao afirmar que "[n]a aurora da história, havia tantos sistemas técnicos quantos eram os lugares"[361].

Por outro lado, há uma importante transição na atualidade. Por mais que se note a intensificação das trocas transoceânicas de objetos e modos de fazer a partir da criação da economia-mundo desde o século XVI, no período hodierno, o subsistema técnico capitalista foi capaz de ampliar sua área de ação à ubiquidade do globo – graças à sua eficácia e tendência invasora, impondo-se aos demais. Neste ponto, cumpre salientar o perfil *sui generis* vigente: os objetos técnicos têm, agora, a pesquisa e a ciência como base intelectual, e não mais a descoberta ocasional e a experiência, como anteriormente ocorria[362].

Portanto, o objeto técnico passa a ser produzido em laboratório para atender uma função precisa e predeterminada, da forma mais eficaz possível. Milton Santos sinaliza que agora a função do objeto é o que irá definir o material utilizado, só então a substância adequada é criada para atender eficientemente o objetivo primordial. Sua intencionalidade sói ser mercantil, ainda que carregada do simbolismo que constitui tal racionalidade[363]. Em outras palavras, Yuk Hui observa que, no século XX, as tecnologias dão corpo à *noosfera*, e o campo do pensamento se manifesta de novas formas, a partir da participação ativa das máquinas[364].

Nessa nova realidade, os objetos também precisam ser informacionais, pois contêm dados precisos sobre sua aplicabilidade no trabalho e integram uma rede cibernética de troca de informações com outros objetos. Essa carga de dados é essencial para que atendam à necessidade de produtividade otimizada no trabalho hegemônico. Dito isso, a dinâmica desses objetos é programada para seguir a informação científica e atender a um sistema de ações submetido à concentração de mais-valia em escala mundial[365].

Assim sendo, os fins das ações são crescentemente desconectados das próprias pessoas que as executam, e dos lugares em que elas se dão. Os atos passam a ser nada mais que uma resposta a um comando gerado externamente e precisam seguir cega e pragmaticamente certa razão técnica, uma vez que os objetos carregam em si a exata racionalidade que já fora definida, por agentes alheios. E aqui notamos um caráter global, de centros decisórios coordenando ações unificadas, *just in time* e *just in place.* A eficácia desse procedimento, por sua vez, depende da certeza de que ele será propriamente exercido, que cumprirá rigorosamente as etapas previstas[366].

A ação, então, é: informada, inquirida de resultados técnico científicos; coordenada no tempo e no espaço visando máximo rendimento; e codificada em uma formalização sistemática que organiza

[360] *Ibidem,* p. 216.
[361] Santos, 2014, p. 146.
[362] Santos, 2000.
[363] *Ibidem.*
[364] Hui, 2020.
[365] Santos, 2000.
[366] *Ibidem.*

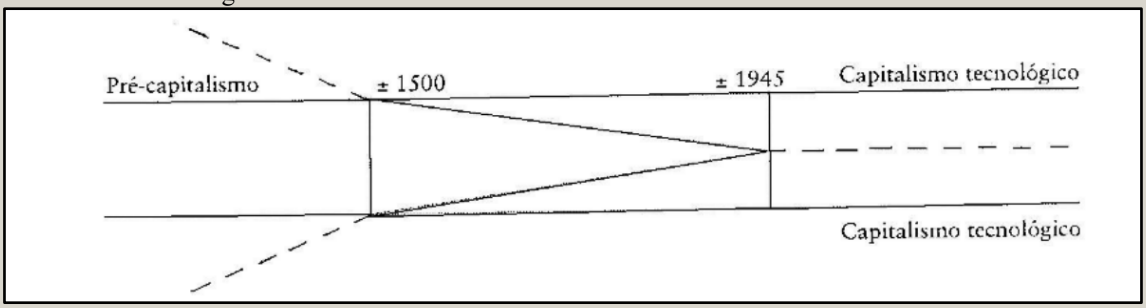
a vida coletiva e conduz a vida individual. O que se nota é a simultaneidade que os eventos mais longínquos podem ser informados, convergindo os momentos em uma unicidade. Há ainda a integração entre os macro e microssistemas técnicos, que dá o fundamento material para vastas redes de poder, mas também produz conhecimento acerca de minúsculas dimensões. De rápida difusão, o período entre a incubação e uso generalizado de novas tecnologias diminui exponencialmente, gerando inclusive uma agitada obsolescência dos objetos técnicos e sua substituição pela nupérrima invenção[367].

Considerando que é no encontro entre os sistemas de objetos e de ações que o espaço se apresenta, Milton Santos é célebre por caracterizar o contexto pelo qual passamos como meio técnico-científico-informacional. Nesse panorama, tal meio dá esteio à produção, utilização e funcionamento do espaço. Esse é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade e crescentemente tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes[368].

Em um plano abrangente, as técnicas são apresentadas como neutras, indiferentes ao meio instalado, de aura exógena à humanidade. Mas se a difusão tecnológica (figura 1) é vista como inevitável, é graças ao imaginário que dá suporte à produção de mais-valia mundial, operante direta ou indiretamente em todos os lugares, de forma que a tecnociência atual se porta como base material e ideológica do amplo processo, nomeado globalização.

Mesmo que a competição tecnológica venha definindo os rumos da política, Yuk Hui dá uma especial atenção à abordagem instrumentalista desse campo, já que favorece uma história da técnica que se referencia somente na Europa, na medida em que a própria ideia de globalização "é um processo de sincronização que faz com que diferentes tempos históricos convirjam em um único eixo de tempo global e prioriza tipos específicos de conhecimento como força produtiva principal"[369]. O que, por sua vez, traz implícito que tanto a referência do que é civilização quanto a dinâmica da geopolítica global estão inevitavelmente dominadas pelo pensamento ocidental.

Figura 1- Afunilamento da escolha entre sistemas técnicos diversos.



Fonte: Santos[370].

Entretanto, não se pode ignorar a importância dos processos de colonização para interligar as assimetrias de poder às diferenças técnicas e possibilitar a globalização calcada em "um amálgama de alto custo-benefício entre tecnologia moderna, mão-de-obra barata e *cheap nature*"[371]. Ou seja, a

[367] *Ibidem.*
[368] *Ibidem.,* p. 63.
[369] Hui, 2020, p.17.
[370] Santos, 2020, p. 192.
[371] *Ibidem,* p. 83.

globalização unilateral seria uma perspectiva econômica e tecnocrática universalizante, que limita a utilidade das localidades quanto à sua disponibilidade de recursos atrativos.

Como veremos, as reflexões até aqui levantadas são vitais para desnaturalizar certa ideia de progresso técnico que sustenta a difusão produtiva e a família de objetos acompanhantes, além de colocar em perspectiva a sua submissão a um sistema de ações informado, coordenado e codificado por um oligopólio de atores capitalistas.

A produção social das escalas

Já o geógrafo Neil Smith resgata o 'espaço' graças à sua capacidade de tratar diversos temas, considerando que o mesmo é uma expressão complexa das relações sociais. Isso porque seu enfoque está no estabelecimento de diferenças sociais através da produção de escala[372]. Neste contexto, remete-se o pensamento de Iná Elias de Castro acerca do raciocínio escalar como uma das bases para compreendermos a relação entre poder e espaço. É ventilada a ideia de que há impacto das determinações globais sobre as dinâmicas nacionais e locais. Inseridos no léxico da globalização, certos atores ampliam sua capacidade de dinamizar a relação frente aos demais[373].

Todavia, a partir do ferramental investigativo exposto, veremos que a própria noção de escala – seja ela global, local ou até mesmo estatal – condiz com a especificidade do atual momento, e é fruto do processo de disputas sociopolíticas, mediadas ao longo da história e através de diversas instituições. E, embora o termo 'escala' possua uma infinidade de aplicações coloquiais, Neil Brenner argumenta pela necessidade de uma concepção precisa e analiticamente estreita de escala geográfica, em diálogo com sua iniciativa de compreender o processo de reestruturação capitalista mundial[374].

Para Neil Smith, ao estudar a produção do espaço devemos considerar os processos de construção e reconstrução de diferenças relacionais, incluindo aqui as escalas geográficas como resultado de interações através da estrutura social. É primaz que sejam concatenados os aspectos material e imaterial da noção de escala: na medida em que esta conecta a hierarquização intrínseca do capitalismo com certa abstração conceitual, mas também dá as próprias lentes para a interpretação de eventos socioespaciais. Portanto, as escalas podem se expressar como uma tecnologia do capitalismo, capazes de apaziguar os conflitos provisoriamente e propiciar ciclos cumulativos. Ou seja, na medida em que certas escalas são percebidas como estáveis, se delimitam os agentes competentes para participar das mesmas e qual seu raio de ação[375].

A diferenciação de escalas geográficas, por sua vez, é resultado de relações desiguais no bojo social. Aqui, a apropriação metafórica do espaço implica em negociação de posições relativas, em simultâneo ao julgamento de identidades e diferenças. Cabendo, então, focar a importância da escala em cimentar soluções para a contradição entre cooperação e competição – o que possibilita inúmeras posturas dos capitais perante determinados mercados, legislações, cadeias produtivas etc. Estabelece, afinal, o grau de expansão e agressividade dos investimentos. De forma que "[a] produção da escala é um meio central para que o capital seja tanto contido quanto liberado, munido de um território e, ao mesmo tempo, de base global"[376]. Argumenta-se, em seguida, que processos socioespaciais resultam

[372] Smith, 1992.
[373] Castro, 2011.
[374] Brenner, 2013.
[375] Smith, *op. cit.*
[376] *Ibidem*, p. 19.

em escalas temporariamente estabilizadas, e que o objeto de estudo primaz seria tal processo, de escalonamento e reescalonamento[377].

Isto é, para tensionar o vocabulário existente e superar as limitações de enfoques escalares que não consideram as relações em sua interescalaridade, Neil Brenner delineia uma série de proposições para o uso da noção de reescalonamento – dentre elas, para o presente estudo, destaca-se o aspecto relacional constitutivo de qualquer escala, uma vez que, notoriamente no capitalismo, as relações de poder se dão de forma conflituosa e assimétrica. Desse modo, a própria formação das escalas e os processos interescalares assumem hierarquias que se sobrepõem e se articulam de maneira desigual [378].

Para que ocorra o rearranjo das escalas, situações pretéritas interagem com estratégias nascentes, dando corpo à tensão responsável por novos parâmetros institucionais e geográficos. Portanto, os processos de reescalonamento redefinem as posições dos elementos que a compõem, e inclusive são postas em xeque as próprias hierarquias que ordenam a sociedade e o espaço. Ao que Smith define que tanto a escala em que se dão as lutas sociais, como a própria disputa que define a escala, são dois lados de uma mesma moeda[379].

A escala global

Aprofundando o diálogo, Erik Swyngedouw argumenta que o termo globalização está inserido em um movimento discursivo responsável por reorganizar a sociedade e a cidadania em suas diferentes esferas, ao mesmo tempo em que ofusca a disputa socioespacial que promove tal transformação[380]. Segundo o autor, a década de 1980 marca o deslocamento da percepção acadêmica e política – crítica sobre as consequências advindas da expansão espacial do projeto capitalista – para uma visão naturalizante do processo de globalização, focada ao aprimoramento da competitividade de atores nacionais e regionais em um contexto de desregulamentação de múltiplos mercados. Remetendo aos autores franceses, Swyngedouw afirma que um *Pensée Unique* se instalou no cânone econômico, em diálogo à cultura corporativista de gestores de fundos e Empresas Transnacionais (ETNs), o que, por sua vez, dá suporte ideológico às medidas impopulares promulgadas por elites políticas, principalmente aquelas que limitam a ação da sociedade civil e enfraquecem políticas públicas de assistência social[381].

O autor argumenta que, o que temos por globalização, está inserido em um projeto mais amplo de expansão e contração geográfica do capitalismo que remonta, no mínimo, o ano de 1492 – reproduzindo dinâmicas de de-territorialização e re-territorialização que permeiam e rompem certas barreiras, enquanto fortalecem e criam outras. No entanto, Swyngedouw nota a proeminência de mudanças regulamentares no mercado financeiro posteriores à quebra do sistema de Bretton Woods, resultando no brusco incremento e desnacionalização de fluxos monetários. Para além disso, revoluções técnico-informacionais facilitam e aceleram a circulação de pessoas e *commodities*, ao mesmo tempo em que barreiras comerciais, até mesmo as não-tarifárias, são utilizadas pelos Estados, além de produzirem constrangimentos e diferenciações entre os trabalhadores, intensificados a partir de marcadores de cultura, etnia e gênero[382].

---

377 Swyngedouw, 2004; Brenner, 2013.
378 Brenner, *op. cit.*
379 Smith, *op. cit.*
380 Swyngedouw, *op. cit.*
381 *Ibidem.*
382 *Ibidem.*

Um turbilhão comporta estas tensões, ligadas a reestruturações de sistemas bancários e contração/expansão de atividades transnacionais de empresas, cabendo então grifar a utilidade da ideia de globalização, instrumentalizada como base para movimentações geográficas e ditando novas relações entre capital e trabalho, o que, por sua vez, desequilibra e reequilibra as posições relativas entre classes sociais[383].

Segundo Muniz Ferreira, remete-se às décadas de 1980 e 1990 um processo de reorganização da distribuição internacional do trabalho, caracterizada pela automatização produtiva e pela intensificação do *gap* econômico entre os países. A dita Terceira Revolução Industrial teria surgido em resposta a três pontos de inflexões para o Estados Unidos da América: o déficit comercial e o endividamento externo causado por gastos militares; a valorização de matérias-primas pleiteada por países do terceiro mundo; e a desestabilização militar causada pela ascensão soviética – o que é seguido pela mobilização do complexo militar industrial estadunidense em prol da elaboração de tecnologias avançadas, de alto custo de investimento, mas que retribuem em valor agregado e que se utilizam de fontes energéticas alternativas[384].

Em paralelo, optou-se pelo assentamento da política externa bilateral em detrimento dos mecanismos internacionais de deliberação, buscando efetivar os interesses geopolíticos do estado norte-americano e atrelar financiamentos externos com o ajuste econômico dos receptores. Os próprios países centrais sofreram uma forte reestruturação do Estado, ensejando frear tendências inflacionárias e dinamizar o setor industrial, tendo como prioridade o estímulo aos fluxos privados de capital[385]. Não obstante, Chossudovsky sublinha que o pós-guerra fria marcou a utilização de ajustes estruturais para enfraquecer uma gama de estados tendo em vista certos empenhos geopolíticos[386].

Por outro lado, Swyngedouw aborda o caráter reticular da economia das relações empresariais, formado por uma miríade de atores atomísticos, mas que numa interação complexa de "fluxos de dinheiro, informação, *commodities* e pessoas"[387] produz mapas geográficos rizomáticos. Ligações estas que sempre se dão em algum local, no sentido de que, por mais que determinadas empresas se organizem transnacionalmente, seu crescimento econômico se dá a partir do conjunto de redes regionais. O mesmo sublinha a essencialidade de concertos institucionais para o funcionamento de tais conexões – não só econômicas, mas também culturais e sociais. Utiliza como principal exemplo o Estado-nação, *locus* histórico de mediação de conflitos e, em sintonia, cristalizador de resoluções através de arranjos regulamentares e/ou reorganizações territoriais.

Ao que se pode retomar Smith: os mesmos capitais que cooperam com taxas, regulação e infraestrutura dentro de fronteiras nacionais e patrocinam o esforço de guerra necessário para assegurar mercados externos, competem intensamente em mercados internacionais – de forma predatória inclusive[388], o que altera qualitativamente a organização social, que se dá tanto na escala nacional, quanto atravessando-a.

A partir de Swyngedouw, se constata que a territorialização de redes econômicas tensiona com as regulações governamentais sobre cooperação e competição, o que dá movimento ao processo de reescalonamento socioeconômico. A dizer, a transformação de escalas geográficas é executada através da incessante dialética entre tais dinâmicas. Durante o processo, é moldada a geometria de poder que

383 *Ibidem.*
384 Ferreira, 2012.
385 *Ibidem*.
386 Chossudovsky, 1999.
387 Swyngedouw, *op. cit.*, p. 31.
388 Smith, *op. cit.*, p. 19.

constitui certas escalas, a posição relativa de seus elementos e a própria importância dessa escala. Assim, sua *Gestalt* é impactada pelas alianças intra e inter-escalares que grupos sociais e classes forjam entre si[389], o que Smith designa como saltos de escala[390].

Em outras palavras, há um movimento de ocultação das configurações setoriais e institucionais específicas que são fundamentais para o sucesso econômico de determinados territórios, isso porque a organização em *filières*, estruturada a partir dos centros de poder, é o que sustenta sua posição privilegiada no comércio internacional. Como observa Swyngedouw, é possível pensar nesses processos como expressões da *glocalisation*, uma vez que são justamente as densas e complexas redes de produção regional que permitem a certas empresas se articularem em escala global. Retoma-se, assim, o argumento de que a concepção – e a tentativa de naturalização – de uma determinada escala está profundamente ligada a transformações regulatórias e organizacionais na vida social. No caso em questão, elites econômicas se valem do discurso das "forças da globalização" para reconfigurar condições locais, promovendo a redução de salários, a liberalização do Estado e o aumento da produtividade. Ao mesmo tempo, atores privados se apoiam nas redes sociopolíticas consolidadas nos contextos em que estão sediadas suas organizações. Como conclui o autor, não se pode esquecer que as Empresas Transnacionais (ETNs) são, ao mesmo tempo, locais e globais[391].

Então, o atual momento é pela transformação estatal em suas capacidades econômicas e geopolíticas, além do estabelecimento de marcos institucionais que consolidam seus papéis em nova roupagem. Tal movimento, de expansão e ampliação institucional, está calcado na interação dialética entre os Estados e a economia capitalista. E, nesse processo, a própria noção de globalização capacita os atores centrais a exercê-lo.

No âmbito internacional, Charles-Albert Michalet realça a centralidade das empresas transnacionais em facilitar a produção para além da circulação, o que concretiza a transferência de valor do capitalismo global, atuando, portanto, como produtoras ativas desse sistema, mas também como seu produto – reprodutoras da dialética da totalidade da economia mundial. Por exemplo, a lógica de investimento dessas companhias busca atender às demandas rentáveis de instituições financeiras privadas e, por outro lado, explorar disparidades regulatórias nacionais e regionais, vislumbrando oportunidades geradas pelo desenvolvimento desigual, o que dá suporte a um complexo cálculo sobre os custos de deslocalização produtiva, que equaciona taxas alfandegárias, alcance de mercado e perspectiva de crescimento[392].

No mais, Michel Chossudovsky enfatiza que a integração econômica, principalmente no interior dos blocos econômicos, favorece as empresas maiores e tende a suprimir a mobilidade do pequeno capital local. Inclinando-se à monopolização, as menores firmas tendem a falir, se estabelecer como franqueadas ou serem adquiridas em fusões[393]. Como consequência, Ferreira aponta a "subordinação formal da totalidade da atividade econômica do planeta à lógica dos processos de produção e reprodução ampliadas do capital"[394]. O paradoxo está em uma unificação hierarquizada e excludente, que coexiste ao protecionismo de blocos econômicos, o que se materializa em uma interação competitiva norte-norte e uma integração antagônica norte-sul.

[389] Swyngedouw, *op. cit.*
[390] Smith, *op. cit.*
[391] Swyngedouw, *op. cit.*
[392] Michalet, 1984.
[393] Chossudovsky, 1999.
[394] Ferreira, 2012, p. 222.

Munido de referências que debatem grandes temas como o imperialismo do centro e a dependência da periferia global, Peter Evans apreende que as ETNs são a materialização organizacional do capital internacional. O autor realça que as próprias estruturas internas de tais firmas estão intrincadas à economia do mundo. Visto a sua capacidade de maximização dos lucros a partir de estratégias planetárias, há a possibilidade ampliada de alienação da força de trabalho através das fronteiras políticas[395].

Ao que se pode inserir no contexto apresentado por Erik Swyngedouw, de transformações técnico-informacionais que intensificaram o fluxo de mercadorias e de desregulamentação do mercado financeiro pós-Bretton Woods. Contraditoriamente, não se pode obliterar os arranjos institucionais vitais para o funcionamento das conexões econômicas, culturais e sociais – cujo Estado-nação mantém centralidade[396]. O que Chossudovsky sublinha, aqui, é o caráter geopolítico das transformações estruturais enfrentadas pelos Estados desse período[397], visto a intensificação de disparidades econômicas no bojo da automatização produtiva e da redistribuição internacional do trabalho promovida entre as décadas de 1980 e 1990[398].

Para o caso estudado, enfoca-se que a ampliação da atuação das ETNs gerou a replicação de tecnologias no ramo das sementes, fertilizantes, herbicidas e implementos em amplas áreas do planeta[399], integrando um sistema agroindustrial complexo que se expande por meio de suas estruturas para diversas economias. Tal momento histórico denota então a entrada de países, como o Brasil, que se utilizaram de oportunidades emergentes para aplicar o pacote tecnológico da Revolução Verde[400] e alçar-se a um posto entre os principais competidores no que tange à exportação de produtos primários de alguns setores alimentícios[401].

Visto a construção de um poderoso aparato tecno-informacional, empresas puderam se estabelecer em longas e complexas cadeias de *commodities*[402], com variadas estratégias de integração. Elas se consolidam verticalmente, ao financeirizar suas movimentações e investir em infraestrutura para exportação, além de se aproximar do consumo final através do beneficiamento de alimento e criação animal, bem como processamento de biocombustíveis – mas também horizontalmente, ao adquirir empresas menores de estoque e transporte, além da diversificação de riscos em vários negócios[403], de sorte que suas cadeias de valor estão presentes em ⅘ do total das transações executadas internacionalmente[404].

Reescalonamento da globalização no campo brasileiro

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, presenciava-se uma contundente reorganização econômica internacional e consequentes transformações espaciais. Não diferentemente, a estrutura agrária é impactada por tal movimento. Destaca-se, então, a maneira que a internacionalização de

395 Evans, 1980.
396 Swyngedouw, *op. cit.*
397 Chossudovsky, 1999.
398 Ferreira, *op. cit.*
399 Goodman; Redclift, 1991.
400 Em oposição às revoluções vermelha e branca, ocorridas respectivamente na URSS e no Irão, o diretor da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), William Gaud, anunciou em 1968 uma revolução produtivista na técnica agrícola. Em geral, visando frear as mobilizações sociais que reivindicavam melhorias no acesso à terra e alimentos, foi produzida uma modernização conservadora, que alterava as condições de manejo do plantio, mas que mantinha a estrutura regente (Moore, 1975; Novaes, 2017).
401 Paula, 2017.
402 Gereffi *et al.*, 1994.
403 Norberg; Deutsch, 2023.
404 UNCTAD, 2013.

capital transforma as dinâmicas alimentares rumo à complexificação agroindustrial[405]. A sequência de transformações técnicas que buscava o controle científico-industrial da natureza marca esse período. E a ampla replicação do modelo estadunidense de Revolução Verde gera uma visível descaracterização das agriculturas locais – o que, no Brasil, se intensificou na década de 1950 através da intervenção estatal, aliada a corporações transnacionais e organismos internacionais, no intuito de consolidar a lógica de mercado no campo[406]. Movimento, esse, viabilizado pelo pacote tecnológico que utiliza insumos químicos, agrotóxicos e espécies de alto rendimento em um ambiente extremamente controlado. Ainda, busca-se mecanizar tais processos e aplicá-los em larga escala[407], notando-se o início da instalação do período técnico, como é chamado por Milton Santos, correspondente à certa artificialização e mecanização do espaço. Conjuntamente, houve o crescimento de trocas entre os grupos e a intensificação da agregação à divisão internacional do trabalho, ainda que seus efeitos sejam limitados quando comparados ao estágio posterior[408].

Ao analisar o impacto da entrada de empresas estatais em economias dependentes, atendo-se ao caso do desenvolvimento brasileiro, Peter Evans indica que a própria lógica organizacional das firmas tende a desincentivar um investimento promissor em países periféricos. Isso se dá porque os investidores estrangeiros veem com desconfiança o compartilhamento ampliado do conhecimento organizacional e tecnológico que detêm, o que é reforçado em uma dinâmica de concentração das decisões e monopolização das atividades inovadoras. Sendo o mesmo enfático ao dizer que o processo decisório das ETNs reflete os ditames do imperialismo[409].

Ainda, essa forma de imperialismo afeta estruturas sociais internas de periferia. As ETNs tendem a cumprir o papel de espraiamento de relações interclasses e ideias pelo globo, acentuando a ampliação das desigualdades salariais e incentivando a mimetização dos hábitos de consumo de luxo. E, por fim, gerar a desarticulação tecnológica e social nessas localidades. Há, também nesse meio, uma aliança entre as Transnacionais, o Estado dependente e sua burguesia nacional. Como cada esfera possui interesses contraditórios no ato de acumulação de capital, se concilia uma tríplice aliança, para usar a expressão cunhada por Evans, que se baseia na subordinação da população periferizada, de forma que o próprio capital acumulado no centro através do processo de espoliação acaba por ser utilizado, na forma de recursos econômicos, políticos e militares, para intervir na periferia e disciplinar sua mão-de-obra – preservando a mais-valia dos investimentos feitos[410].

Na América Latina, a estruturação de forças de meados do século XX denota uma recomposição das forças latifundiárias, em conluio com o capital estrangeiro, por meio de ditaduras militares[411]. Nesse sentido, é marcante a aplicação do investimento externo no Brasil durante os governos cívico-militares (1964–1985), que veio a beneficiar grandes agroindústrias a se instalarem em novas regiões através de incentivos fiscais e creditícios[412] – um movimento que foi acompanhado da falência de importante volume de empresas artesanais menores, sem competitividade correspondente. Salamoni e Waskievicz identificam aqui uma importante transformação qualitativa, visto que agricultores passaram a ser incluídos na cadeia industrial de forma dependente ao capital monopolista[413]. Importante ainda traçar, nos anos 1960, o crescimento dos cultivos estritamente

405 Friedmann; McMichael, 1989.
406 Cardona *et al.*, 2016.
407 Pereira; Alentejano; Frigotto, 2012.
408 Santos, 2020.
409 Evans, *op. cit.*
410 *Ibidem.*
411 Novaes, 2017.
412 Severo; Anjos; Silva, 2020.
413 Salamoni; Waskievicz, 2013.

comerciais, havendo forte aceleração na década seguinte, graças ao contexto de dispersão de novas tecnologias a partir do incentivo político[414].

Em escala global, nos anos de 1970, há sintomas de uma crise na acumulação de capital[415]. É quando finda o afluxo de crédito para o Brasil, gerando um efeito cascata de quebra de negócios, êxodo rural e concentração de terras[416]. Por outro lado, há uma ofensiva em busca de rendimentos, resumida na pressão por abertura de mercados e reificação das relações sociais e dos processos produtivos[417]: "Ou seja, ocorrem alterações profundas, tanto no plano objetivo (econômico) da produção, bem como na reprodução das relações de classe, no plano da subjetividade"[418].

Niels Søndergaard também realça o papel da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), instituto público de pesquisa fundado em 1972 e que foi responsável por elaborar grãos adaptados às regiões tropicais, para serem cultivados em larga escala[419]. Por meio de parcerias público-privadas, a adaptação das sementes para vários climas e biomas possibilitaria crescimento e consolidação da produção através do trabalho de extensão rural[420]. No seu nascimento, a empresa possuía um papel estratégico para o então governo militar. Ao aglutinar órgãos federais e estaduais de pesquisa, visava-se fortalecer o ideário da Revolução Verde, de produção em larga escala, destinada à alimentação dos crescentes centros urbanos, ao mesmo tempo em que se buscava o avanço da fronteira agrícola sobre novos biomas e/ou territórios de comunidades tradicionais. Nessa toada, as atividades de pesquisa contaram com importante colaboração do sistema técnico estadunidense, seja através da orientação de funcionários em universidades, ou do fornecimento de espécimes melhoradas para o estudo[421].

Fazendo um paralelo com a bibliografia de Milton Santos, é possível identificar aqui o reordenamento espacial nos países de terceiro mundo[422], quando se erige um mercado global, que em consonância à tecnociência, intensifica a divisão internacional do trabalho. O autor aponta como a agricultura dos mais distintos lugares passa a se pautar por uma única referência planetária. Quantidades crescentes de produtores imprimem em suas ações uma forma específica de técnica, alinhada à busca por altas quantidades de produção. Conjuntamente, através de um processo homogeneizante, certa ciência estabelece cultivos e bens que devem reger as atividades. O tripé fecha com a dissipação de informação, que possibilita a incidência de fatores externos, extremamente longínquos, e a afirmação da racionalidade mercantil no campo[423].

Gabriela Gois aponta uma progressiva interligação entre a agricultura familiar e os complexos agroindustriais, do seu financiamento aos insumos e equipamentos e fornecimento de assistência técnica. Em contrapartida, há adequação aos parâmetros da companhia, e por muitas vezes é exigida a totalidade da safra. Recentemente, a soja demonstra forte tendência de crescimento: a importância em área cultivável se alia às características de sua dinâmica. A dizer, uma produção preferencialmente em larga escala, mecanizada e dependente de insumos, que frequenta o mercado global, atrelado a um restrito número de ETNs[424]. Mantelli, Dutra e Konze condicionam a implementação do pacote

414 Mello; Brum, 2019.
415 Novaes, *op. cit*.
416 Pretto, 2019.
417 Novaes, *op. cit*.
418 *Ibidem*, p. 18.
419 Søndergaard, 2020.
420 Norberg; Deutsch, 2023.
421 Peres, 2021.
422 Santos, 2014.
423 *Idem*, 2008.
424 Gois, 2018.

modernizante à expansão do cultivo sobre as propriedades maiores, que antes se atrelavam ao milho e à pecuária. Também é pontuado a aglutinação de propriedades e o esvaziamento do campo, já que é esse é um cultivo que pouco utiliza mão-de-obra[425].

Nessa toada, Moura, Salamoni e Costa apontam um aguilhoamento da integração da agricultura à cadeia produtiva industrializada, se transmutando em simples elo receptor e fornecedor de insumos[426]. Assim, a lógica de cultivo e comercialização se adequa às determinações técnicas transnacionais, e atividades agrícolas locais se integram a um circuito global[427]. Ao avaliar a reprodução de tal dinâmica em locais específicos, se nota uma forte queda na produção de alimentos destinado ao consumo local, gradualmente substituída pelo plantio de *commodities*.

O que se nota, portanto, é a intensificação do meio-técnico-informacional, utilizando o expresso por Milton Santos, de qualquer espaço banal passar a ser atingido por atores hegemônicos através de suas redes sócio-econômicas, de forma que os locais se especializam "em função de suas virtualidades naturais, de sua realidade técnica, de suas vantagens de ordem social"[428]. Nesse sentido, a articulação de diferentes campos (economia, ideologia e política) influenciou em sua composição social que, em relação à instância espacial, determinou o todo complexo da economia global – de forma que a compreensão das suas dinâmicas passa pela análise geográfica. Ou seja, em razão da particular relação entre aspectos físicos e o constructo social, existem adequações ao desenvolvimento uniforme preconizado pela Revolução Verde, de modo que essa se solidificasse em cada território de maneira ímpar, denotando assim, uma dinâmica de transformação (adaptações e resistências) dos sistemas internos às localidades, relacionando-se entre si, em confluência ao impacto da globalização.

Há uma intensa alteração dos fluxos de comunicação com amplos e complexos sistemas técnicos. Cristalizado na transformação das culturas agrícolas, desde os insumos utilizados no plantio, tratamento e colheita, passando pelo próprio produto a ser cultivado, culminando em sua destinação – virtualmente externa ao território, o que é correlato à influência de atores transnacionais em tal processo. Ou seja, a autonomia dos agentes internos ao sistema agrário local vê-se relativizada pelo impacto das flutuações do comércio exterior, internalizados através da consolidação de dinâmicas econômicas que crescentemente atendem aos interesses de ETNs.

A partir de Niels Søndergaard, pode-se concluir que tais transformações estão intimamente relacionadas com as dinâmicas do regime agroalimentar corporativo[429]. Nesse sentido, a reorganização do Estado e forças sociais no Brasil é expressa através de múltiplas dimensões. Tanto a consolidação da visão mercadológica no campo, quanto o direcionamento de atividades produtivas para o comércio externo estão relacionados ao contexto institucional, de firmamento de tratados e promoção de determinadas políticas econômicas, assim como a dimensão ideológica, que interage com as estruturas agrícolas e reforça sua integração no plano internacional. Portanto, a especialização em determinados artigos – soja e carnes bovina, de frango e de porco – reflete a inserção brasileira na cadeia global de proteínas, dentro do contexto comercial mais abrangente[430].

---

[425] Mantelli, Dutra e Konze, 2019.
[426] Moura, Salamoni e Costa, 2009.
[427] Paula, *op. cit*.
[428] Santos, 2020, p. 167.
[429] Um conjunto institucional e de relações de poder entre produtores, empresas e governos que concebe uma específica divisão global do trabalho nos ramos de plantio, beneficiamento e distribuição de alimentos. Para Philip McMichael (2009), a primeira fase do regime agroalimentar internacional se estabeleceu através da hegemonia inglesa, a segunda, com a *pax americana* e a terceira, a partir dos anos 1980, encabeçado pelo oligopólio de ETNs nos mais distintos elos setoriais.
[430] Søndergaard, *op. cit*.

A hegemonização escalar frente às diversidades locais

Historicamente, a cidade é o modelo de expansão e consolidação do espaço capitalista: na medida em que a fábrica surge como ponto de união entre o capital e a força de trabalho e a aglomeração produtiva nos grandes centros urbanos diminui custos. Através do processo de urbanização, o capitalismo consegue fazer a interligação das indústrias e adicionar o mercado consumidor à equação. Uma orientação confirmada e moldada por capitalistas individuais, que por meio de decisões localizacionais impactam na configuração dos espaços[431].

Nesse âmbito, é realçada a divisão territorial do trabalho e a especialização de regiões, em que constantemente se reforça a configuração centro-periferia. Concomitantemente, a intensificação de fluxos no espaço condiz com um crescente estresse entre tendências de concentração e expansão geográfica, se sobrepujando, ainda, ao pendor dos polos, de ambas as zonas estarem em constante ampliação[432].

Para o presente estudo, é central pensar no salto operado, em intensidade e extensão, pelas redes de capital desde o final dos anos 1950. Swyngedouw aponta seu caráter privado, sua tendência concentradora e sua manifestação urbano-regional[433]. Para Neil Brenner, já se deve falar em processos de reescalonamento supraurbanos, quando são abordadas as "hierarquias escalares mundiais e das redes interescalares nas quais as cidades estão imbricadas"[434].

Nesta sequência, dois aspectos são extremamente relevantes para a integração espacial: os meios de comunicação e os de transporte, que são realizadores do produto no mercado. Cabe aqui retomar a importância do suporte físico para a integridade do processo, porque "[o] capital é um processo de circulação entre produção e realização"[435].

Muito embora os custos de transporte tenham sido abatidos e os sistemas de telecomunicações garantam eficientes movimentações financeiras, a "mobilidade do capital requer infraestruturas espaciais fixas e seguras para funcionar efetivamente"[436]. Por parte dos agentes privados, o alto investimento necessário para capital fixo e imobilizado, de vida longa, mas com baixa capacidade de manutenção de valor na transferência, se mostra pouco atrativo. Aqui, toca ao Estado se responsabilizar por grandes ativos logísticos e informacionais. Ou seja, criar infraestruturas físicas e sociais fixas que movimentem em segurança o capital e a força de trabalho – uma capacidade de dominar o espaço produzindo-o. Adenda-se que as revoluções organizacionais na esteira da financeirização e da internacionalização de empresas permitem o controle de capitalistas associados sobre o espaço, integrando-o à divisão internacional do trabalho[437].

Neste ínterim, cabe notar que o movimento de hegemonia de certos objetos e ações que passam a se instalar na sociedade, tidos como hierarquicamente superiores aos demais, não é simplesmente técnico, é mais que tudo histórico. A substituição e a velocidade com que ocorre a obsolescência dos

[431] Harvey, *op. cit.*
[432] Harvey, *op. cit.*
[433] Swyngedouw, *op. cit.*
[434] Brenner, 2013, p.8.
[435] Harvey, *op. cit.*, p. 71.
[436] *Ibidem*, p. 146.
[437] *Ibidem.*

equipamentos e lugares advêm da doutrina da competitividade produzida por atores globais, notadamente empresas, organizações internacionais e bancos[438].

Na emergência de espaços de globalização, é de grande conveniência a conjugação entre o progresso informacional e a desregulação pecuniária. Se revela um sistema financeiro de operação contínua, devido tanto à multinacionacionalização das redes comerciais quanto à transnacionalização dos centros financeiros, dos mercados *offshore* e dos paraísos fiscais. Em paralelo, se intensifica a concentração geográfica das transações e o acúmulo de poder do setor financeiro, que passa a conduzir a economia mundial[439].

Agora, o espaço passa a ser povoado por objetos que se difundem quantitativamente como nunca testemunhado, e cuja qualidade também é ímpar – por abarcar até mesmo processos vitais, gerando novas espécies animais e vegetais. A paisagem é cientificizada, tecnificada por meio do nexo informacional, e os artefatos se associam a atores hegemônicos através de lógicas globais. Há proeminência, então, de espaços racionais, que intentam fazer o encontro entre "a ação pretendida e o objeto disponível com o máxima eficácia"[440] e cuja regulação parte de comandos centralizados.

De sorte que também o meio rural é preenchido crescentemente pela artificialidade e pelas transformações biotecnológicas, químicas e organizacionais, o que interfere sensivelmente na produção por unidade de tempo e espaço. Ali, se descortina também o impacto da reorganização territorial balizada pela lógica competitiva e pela racionalidade que lida pragmaticamente com os objetos. O corpo social se altera, e os interesses se orientam para a individualidade, o que é expresso no exercício da política e na própria relação com a urbanização. Se, por um lado, a cidade passa a regular o trabalho agrícola, controlando os capitais tecnológico, financeiro e intelectual, por outro, a urbe adapta-se às exigências do campo modernizado[441].

Inclusive, a especialização dos lugares, tanto no campo quanto na cidade, diz menos respeito aos recursos naturais e mais às condições técnicas e sociais. Há um imperativo em modernizar áreas selecionadas com o objetivo de atender a interesses de atores privilegiados, enquanto o restante dos recursos sociais – especialmente os coletivos – é mobilizado segundo uma racionalidade que não visa contemplar a população como um todo. Como a renovação da materialidade e a transformação dos capitais fixos implicam custos elevados, os agentes que concentram a capacidade decisória tendem a direcionar esses processos para atender a seus interesses particulares[442].

Tendo em perspectiva que os processos técnicos, econômicos e políticos podem ser operados a partir de bases concentradas que irradiam informações para diversos pontos, as ETNs se estabelecem entre os grandes decisores acerca da alocação e utilização dos recursos. Exatamente graças à unicidade da técnica, a atuação pode ser coordenada de forma segura, instantânea e complementar. Não obstante haja vultosa dispersão dos momentos de operação, a concentração da gerência nas áreas de inovação, circulação e gestão do capital permite uma resposta uniforme. Tal funcionamento proporciona a produção de uma mais-valia em nível mundial, a partir do "motor único" das vidas econômica e social em um exercício de instrumentalização e racionalização do espaço[443]. Isso porque o controle, desde a concepção até a fabricação e produção são integrados mundialmente.

---

[438] Santos, 2020.
[439] *Ibidem*.
[440] Santos, 2020, p. 300.
[441] *Ibidem*.
[442] Santos, 2020.
[443] *Ibidem,* p. 204.

Dessa maneira, firmas de proporções extraordinárias se aliam para organizar os mercados e circuitos produtivos[444], reduzindo custos e tirando máximo proveito, tanto na prática de escalonamento quanto em especializações de filiais associadas. O que, por sua vez, se orienta para a formação de firmas-rede, ramificadas, interdependentes, flexíveis e móveis. Nasce aqui um complexo industrial transnacionalizado que passa do regime concorrencial para a regulação monopolista. Tanto que as grandes transnacionais utilizam da totalidade das redes e se servem do universo de territórios, se tornando atores centrais da vida internacional[445].

É assim que se constituem as grandes organizações no nível mundial. São elas que comandam as técnicas hegemonizantes da produção da informação e da finança, por intermédio das quais galgam o comando do tempo e realizam a mais-valia global[446]. Só que as grandes organizações não garantem sua hegemonia através da pura e simples capacidade de gerar lucro, os aspectos políticos são tão relevantes quanto. E aqui chama atenção a capacidade de poder de uma organização estar estritamente atrelada à influência sobre os recursos que fazem funcionar outras organizações. Expressos no controle da produção, circulação, distribuição e consumo, se vê a eficácia de tais entes em gerar uma corporatização do território[447]. Então, elas passam a estabelecer normas, não só internas, mas também externas: para seu funcionamento técnico e seu comportamento político frente ao poder público, bem como suas relações de cooperação e concorrência com demais firmas.

Dessa forma, os cultivos se tornam *commodities,* inseridas em uma família de técnicas muito específica, possibilitadora da cultura mecanizada e intensiva em insumos. Ainda, a reprodução desses objetos, nos mais distintos territórios, está intimamente conectada a um sistema de ações altamente específico. Se, por um lado, diversas sociedades passaram a se integrar a hábitos alimentares como meras atividades de consumo, por outro, a reprodução da base material da vida se iguala à necessidade de constante e ascendente capitalização. Nesse curso, a agricultura se integra a uma série de tarefas, atendendo a tal lógica e conectadas ao mercado mundial.

Azevedo e Kato destacam a capitalização da terra e dos recursos naturais na atual fase do capitalismo extrativista, de modo que cresce a demanda por um aparato logístico capaz de escoar as *commodities* a partir das periferias do sistema mundial[448]. Nesse processo, países como o Brasil assistem à reprimarização de suas economias. Para as populações diretamente impactadas pelos empreendimentos em questão, tal movimento representa, sobretudo, uma ameaça ao acesso à própria subsistência. Assim, não apenas o meio ambiente se torna impregnado pela tecnologia, como também sua domesticação se confunde com a dos próprios seres humanos. Presenciamos a extinção de espécies por meio da imposição de uma racionalidade homogênea. O pesticida, enquanto instrumento de extermínio da "vida indesejada", é padronizado e aplicado nas mais diversas geografias – em contraste com a multiplicidade de técnicas anteriormente empregadas por camponeses, as quais estavam vinculadas aos recursos e saberes específicos de cada região produtiva[449].

Milton Santos, no entanto, opta cuidadosamente por assinalar a dinâmica parcial do processo: apesar da primazia das empresas sobre um relógio mundial e espaços de globalização, não há um tempo nem um espaço global. Muito embora caiba precisar que os sistemas técnicos atuais se comportem como invasores enquanto se generalizam, não vivemos uma homogeneização absoluta. Seu impacto varia conforme a herança material dos grupos sociais responde às fases da evolução

[444] Michalet, 1984.
[445] Santos, 2020, p. 43.
[446] *Ibidem,* p. 211.
[447] Santos, 2020.
[448] Azevedo; Kato, 2024.
[449] Hui, 2020.

técnica em sua extensão[450]. Os objetos técnicos influenciam comportamentos com várias mediações, como, por exemplo, "a lei, as normas, os costumes, a religião, as representações herdadas ou ensinadas"[451]. Ou seja, não há uma relação automática na forma em que o sistemismo dos objetos condiciona o sistemismo das ações, e é no encontro desses que o espaço se apresenta.

Ele ainda é cauteloso ao analisar a difusão de inovações aos casos específicos, apontando riscos ao estudar sua gênese, tanto isoladamente quanto em conjunto, visto que "[a] adaptação à modernidade não se submete a leis absolutas"[452]. Nesse sentido, o impacto da corrente etapa do capitalismo possui características específicas, que devem ser posicionadas no seu longo movimento. O que se presencia, então, é a convivência entre alguns objetos novos e o restante, objetos herdados de diferentes épocas[453].

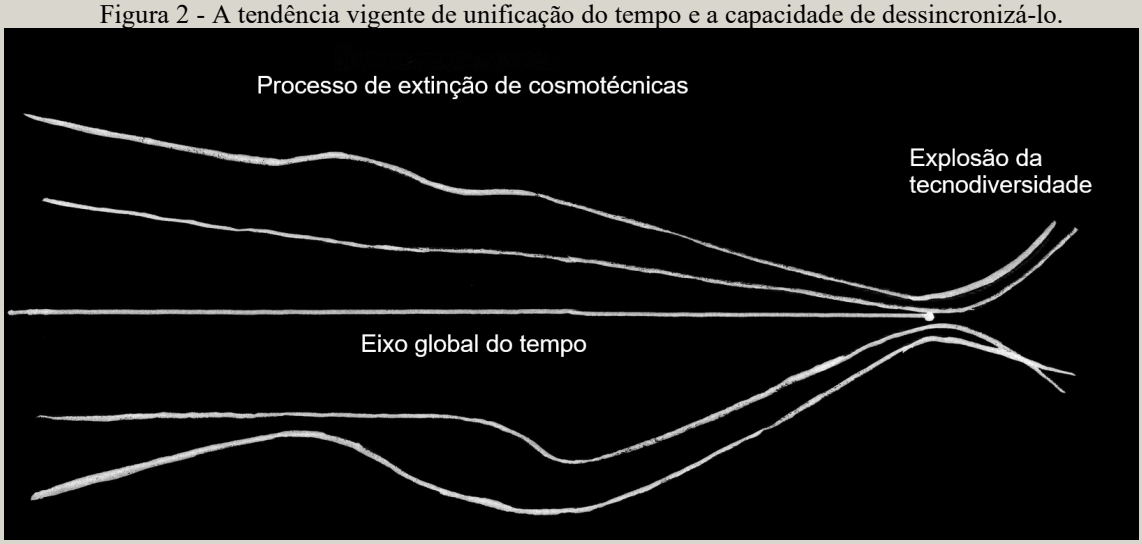
E a própria historicidade da configuração entre objetos e ações imprime possibilidades múltiplas para outras naturezas de relações. A expansão agrícola testemunhou uma série de estratégias de respostas. Povos originários e tradicionais, frente à espoliação, buscaram resistir em sua terra e retomá-la de grileiros, e até mesmo se re-territorializar para além da expansão das *plantations* ou junto a acampamentos da reforma agrária[454].

Todavia, há grande dificuldade de pensar o usufruto do território, respeitando a diversidade de ser e estar no mundo; ou até mesmo o papel de insumos, para além de *commodities*-exportação. Para Diana Aguiar, isso se dá porque, propriamente, "[a] cadeia monocultural é um instrumento político que aprisiona outras formas de viver e produzir"[455]. Ao que Yuk Hui se volta para as localidades, na esperança de redescobrir a diversidade de elos entre a técnica e o meio, que se expressa no pensamento geográfico. Assim, ele cria um paralelo à biodiversidade. Para o filósofo, há necessidade de discutir a ecologia das máquinas a partir da noção de tecnodiversidade. Tendo em mente que são infinitas as possibilidades de relação entre as culturas e o cosmos, faz-se crucial pensar na multiplicidade da cosmotécnica[456].

Como representado na seguinte imagem (figura 2), ao reposicionar a questão da tecnologia, pretende-se se apartar da sincronização do tempo em um só eixo, em que a produção se encontra invariavelmente submetida à mais-valia. O enfoque está numa radical noção de que todas as cosmologias estão em par de igualdade de valor. Nas suas pesquisas, se desvia da unilinearidade embutida na história europeia da técnica, debatendo a China como um caso cosmotécnico paralelo.[457] Porém, há o cuidado de rechaçar abordagens essencialistas. Afirma-se a potencialidade das diferentes culturas, em relação à sua localidade, para criar respostas que transcendem a racionalidade – perante os dilemas urgentes da modernidade. Se pretende avistar, na tecnodiversidade, o desabrochar de novas relações, que englobam também o respeito aos demais, aos não-humanos e à terra[458].

[450] Santos, 2020.
[451] *Ibidem,* p. 228.
[452] *Ibidem,* p.226.
[453] Santos, 2020.
[454] Aguiar, 2021.
[455] *Ibidem,* p. 6.
[456] Hui, 2020.
[457] Aspecto discutido no livro *The Question Concerning Technology in China. An Essay in Cosmotechnics* (Hui, 2017).
[458] Hui, 2020.

Figura 2 - A tendência vigente de unificação do tempo e a capacidade de dessincronizá-lo.



Fonte: Traduzido e adaptado de Yuk Hui[459].

Considerações finais

A partir do analisado, é possível notar a globalização como um processo social, localizado historicamente, inserido em movimentações geopolíticas, capaz de atualizar a capitalização hegemônica, diante de uma crise de acumulação e uma nova realidade tecnológica. No entanto, percebe-se que tal movimento advém de tendências que se confirmam na longa duração: os ciclos de expansão quantitativa e qualitativa e a unificação global da técnica.

Um grande trunfo, argumenta-se, para renovar as assimetrias que compõem a distribuição internacional no trabalho, foi a produção do discurso que reforça e naturaliza o movimento de integração ao mercado. A produção do global, portanto, faz parte da trajetória de estabelecimento de um tipo determinado de ações e de objetos como frequentadores habilitados dessa escala. Aqui, são alavancados atores, como as ETNs, para agirem em nome da racionalidade de referência.

Por meio da globalização, se consolidam as redes informacionais capazes de fazer a ligação entre os agentes centrais e a totalidade dos lugares, na medida em que uma quantidade crescente de organizações humanas passam a reproduzir as ações hegemônicas. Estes, por sua vez, se vêm encapsulados em um ambiente institucional do qual não há alternativa senão buscar reforçar o padrão comportamental individualista e autointeressado.

Ao que vem sendo exposto, tal trajetória não se deu como simples resultado do desencadeamento da história humana, mas, sim, a partir do concerto de interesses entre elites de diferentes nações, através de organizações que estruturam a mediação do poder. Com tal suporte, ETNs são capacitadas a reescalar suas atividades de gerência para novas áreas: a dizer, o setor agrário também se coaduna à cadeia de produção, como receptor e fornecedor de insumos. Isso porque determinados objetos constituem uma rede logística e informacional viabilizadora da prática da técnica em consonância à concentração transnacional da mais-valia.

Na etapa de meio século mais recente do capitalismo, isso significou uma revolução nos modos de saber e fazer agrícolas, bem como a instalação de toda uma paisagem industrial, a reboque do arcabouço de instituições que dá suporte à racionalidade competitiva e extrativista. Em conjunto, o

[459] Hui, 2020, p. 60.

estudo analítico das condições físico-químicas da vida possibilitou a produção de um conhecimento focado em alta produtividade de *commodities*. Assim, os proprietários de unidades rurais expandiram para o gerenciamento da natureza a cientificidade que visa a acumulação capitalista, acoplado agora a uma complexa, ampla e fragmentada cadeia global de valor.

Ainda que a implantação de monoculturas e *plantations* estivessem arraigadas à colonização da periferia mundial desde o século XV, nessa nova rodada de cognição da realidade, os aspectos científicos e informacionais se fundem à técnica. Assim, o remodelamento da agricultura, como mera atividade industrial incorpora duas dinâmicas centrais: a utilização de maquinário, que diminui a demanda por mão-de-obra rurícola, e a captação de insumos externos à localidade, possibilitando o alcance da produção a impensáveis patamares – em comparação a quando eram utilizados somente os recursos ao alcance imediato.

O que se viu no Brasil foi uma reafirmação desta linha, na medida em que governos autoritários implementaram uma transformação excludente do campo, alijando pequenos proprietários de suas terras e empregados do seu sustento. O meio também testemunhou dramáticas reformulações, na medida em que a paisagem absorveu o laboro dos objetos técnicos viabilizadores da globalização.

No processo de reescalonamento da intervenção sobre populações até então afastadas do centro de poder, uma mão do Estado foi munida do aporte creditício, da promoção da pesquisa e da extensão rural, incentivando a adaptação do que é cultivado e como é feito. Por outro lado, seu braço armado agia em cumplicidade à *pax americana* pela extinção de cosmotécnicas diversas a seus interesses geopolíticos.

Portanto, a escala se confirmou como uma técnica, aplicada pelo capitalismo em vias de atender sua necessidade de expansão espacial e conjugação de modos de produção ímpares. A contemporânea tendência de unicidade da hegemonia do 'global' perante o planeta condiz tanto com a tentativa de submeter a razão das ações, quanto do engendramento de objetos. Ou seja, a homogenização da percepção de mundo, que concebe uma escala a qual as mais distintas sociedades estão submetidas, reforça as assimetrias de poder que monopoliza internacionalmente a mais-valia. Estas, por sua vez, confluem para que as dinâmicas globais atendam à expansão e consolidação do capitalismo.

Todavia, o fatalismo de tal condição somente reforçaria o trilho de incontáveis desastres que se têm percorrido, cabendo ao pensamento crítico elaborar outras escalas de ação e novas formas de conectar as sociedades. A potência de um rearranjo simbólico e material da humanidade pode residir, realmente, na diversidade que as mais distintas localidades – na íntima relação da cultura com o cosmos – são capazes de inventar.

Bibliografia

Aguiar, Diana, 2021, *Dossiê Crítico da Logística da Soja*: e*m defesa de alternativas à cadeia monocultural.* Rio de Janeiro: FASE.

Azevedo, Gustavo Silva de Azevedo; Kato, Karina Yoshie Martins, 2024, 'O corredor logístico do Tapajós, investimentos em infraestrutura e o modo de vida de povos tradicionais', *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade,* v. 18, n. 1. Disponível em: https://tinyurl.com/5arxevmh

Brenner, Neil, 2013, 'Reestruturação, reescalonamento e a questão urbana', *GEOUSP – espaço e tempo*, v. 17, n.1. Disponível em: https://tinyurl.com/ykr4mbfb

Cardona, Juan de Los Ríos; Cruz, Mailane; Vendruscolo, Rafaela; Radomsky, Guilherme, 2016, 'Desenvolvimento rural: do agrícola ao territorial'. In: *Introdução às teorias do desenvolvimento*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Castro, Iná Elias de, 2011, *Geografia e política: território, escalas de ação e instituições*. São Paulo: Bertrand Brasil.

Chossudovsky, Michel, 1999, *A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial.* São Paulo: Moderna.

Claval, Paul, 2010, *Terra dos homens: a geografia*. São Paulo: Contexto.

Evans, Peter, 1980, *A tríplice aliança*: *as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro.* Rio de Janeiro: Zahar.

Ferreira, Muniz, 2012, 'Crise de hegemonia, globalização e imperialismo'. In: Pinheiro, Milton, *A reflexão marxista sobre os impasses do mundo atual*. São Paulo: Outras Expressões.

Forbes, 2023, *The Global 2000*. Disponível em: https://tinyurl.com/558mh5sz

Friedmann, Harriet; McMichael, Philip, 1989, 'Agriculture and the state system: the rise and decline of national agriculture', *Sociologia Ruralis*, v. 29, n. 2. Disponível em: https://tinyurl.com/ms7y2w7w

Gereffi, Gary; Korzeniewicz, Miguel; Korzeniewicz, Roberto, 1994, 'Introduction: Global Commodity Chains'. In: Gereffi, Gary; Korzeniewicz, Miguel, *Commodity Chains and Global Capitalism.* Westport: Bloomsbury Academic.

Gois, Gabriela Rodrigues, 2018, 'Evolução e diferenciação dos sistemas agrários na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul', *Geographia Meridionalis,* v. 4, n. 1. Disponível em: https://tinyurl.com/mryz6ym8

Goodman, David; Redclift, Michael, 1991, *Refashioning Nature: food, ecology & culture*. London: Routledge.

Grieco, Francisco de Assis, 1998, *O Brasil e a globalização.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.

Hui, Yuk, 2020, *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora.

_____ 2017, *The Question Concerning Technology in China. An Essay in Cosmotechnics.* Falmouth: Urbanomic.

Mantelli, Jussara; Dutra, Éder Jardel da Silva; Konze, Queli Rejane da Silva, 2019, 'A agricultura familiar no contexto do agronegócio no município de Canguçu, estado do Rio Grande do Sul, Brasil', *Geosul*, v. 34, n. 71. Disponível em: https://tinyurl.com/mrx2u3zr

McMichael, Philip, 2019, 'A food regime genealogy', *Journal of Peasant Studies*, v. 36, n. 1. Disponível em: https://tinyurl.com/bd8fzk2f

Mello, Eliane Spacil de Brum; Argemiro, Luís, 2020, 'A cadeia produtiva da soja e alguns reflexos no desenvolvimento regional do Rio Grande Do Sul', *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n.10. Disponível em: https://tinyurl.com/bdhzuj6x

Michalet, Charles-Albert, 1984, *O capitalismo mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Moore, Barrington, 1975, *As origens sociais da ditadura e da democracia*: *senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo: Martins Fontes.

Moura, Lucimára dos Santos de; Salamoni, Giancarla; Costa, Adão José Vital da, 2009, 'Os reflexos do meio técnico-cientifico-informacional na modernização da agricultura brasileira', *Anais do IX Encontro de Pós-graduação*, v. 9, n. 1. Disponível em: https://tinyurl.com/387z4mx4

Norberg, Matilda Baraibar; Deutsch, Lisa, 2023, *The Soybean Through World History: Lessons for Sustainable Agrofood Systems.* Londres: Routledge.

Novaes, Henrique Tahan, 2017, 'Reestruturação do campo e o fetichismo da revolução verde', *Revista Ciências do trabalho,* v. 1, n. 9. Disponível em: https://tinyurl.com/2ax285x4

Paula, Nilson Maciel de, 2017, *Sistema Agroalimentar Mundial: Contradições e Desafios.* Curitiba: Editora CRV.

Pereira, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; Frigotto, Gaudêncio, 2012, *Dicionário de Educação no Campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão Popular.

Peres, João, 2021, *Doko: quatro letrinhas que mudaram a história do Brasil.* São Paulo: O Joio e O Trigo. Disponível em: https://tinyurl.com/4ufue3d5

Pretto, José Miguel, 2019, *As cooperativas de leite autodenominadas da agricultura familiar, CLAFs*: *o equilíbrio instável entre inclusão e sustentabilidade.* Tese (Doutorado em Política Social e Direitos Humanos) - Universidade Católica de Pelotas. Disponível em: https://tinyurl.com/nhhusm99

Salamoni, Giancarla; Waskievicz, Carmen Aparecida, 2013, 'Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza', *Revista Tessituras,* v. 1, n. 1. Disponível em: https://tinyurl.com/2f2ytzj4

Santos, Milton, 2020, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____ 2014, *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____ 2008, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.* Rio de Janeiro: Editora Record.

Severo, Patrícia Schneider; Anjos, Flávio Sacco dos; Silva, Fernanda Novo da, 2020, 'Os pêssegos não caem do céu: relações de trabalho e agricultura familiar na região de Pelotas-RS', *Desenvolvimento Regional em debate*, v. 10, n.1. Disponível em: https://tinyurl.com/262vyhk2

Smith, Neil, 1992, 'Geography, difference and the politics of scale'. In: Doherty, Joe; Graham, Elspeth; Malek, Mo. *Postmodernism and the social sciences*. London: Palgrave Macmillan.

Søndergaard, Niels, 2020, 'Food regime transformations and structural rebounding: Brazilian state–agribusiness relations', *Territory, Politics, Governance*, v.11, n.1. Disponível em: https://tinyurl.com/bdffxzap

Swyngedouw, Erik. 2004, 'Globalisation or 'glocalisation'? Networks, territories and rescaling', *Cambridge review of international affairs*, v. 17, n.1. Disponível em: https://tinyurl.com/332d3zmm

UNCTAD, 2013, *80% of trade takes place in 'value chains' linked to transnational corporations,* United Nations Conference on Trade and Development. Disponível em: https://tinyurl.com/2kmjayxk